

EU NÃO SOU NOVINHA: A PERCEPÇÃO DAS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO JOVEM FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE

Amanda legli Tech
Deivison Moacir Cezar de Campos
ULBRA

Os debates em torno da cultura do estupro têm, entre outros desdobramentos, apontado para a **sexualização** do corpo infantil na mídia, sobretudo o corpo infantil feminino. Essa representação tem sido disseminada nos mais diferentes meios nos quais as meninas são apresentadas de maneira controversa. A publicidade, por exemplo, contribui com o estereótipo de menina-mulher, usando modelos com aparência cada vez mais jovem nas campanhas.

Por um lado, isso levou a uma naturalização dessa representação e, por outro, desencadeou campanhas de denúncia dessa situação. Acontecimentos recentes no país mostram quão prejudicial a cultura da novinha pode ser.

No Código Penal, há um capítulo específico acerca dos crimes sexuais contra vulneráveis. Além do Código Penal, o Estatuto da Criança e do Adolescente, que define como criança cidadãos até 12 incompletos, e adolescentes cidadãos de 12 a 18 anos, tem artigos específicos sobre pedofilia, como o Art. 241-C, que define como crime simulacro de pedofilia.

Entretanto, o mesmo país que cria leis de proteção às crianças e adolescentes, não problematiza a maneira como crianças e adolescentes são retratadas nas mídias - novelas, publicidade, músicas – nos quais corpos infanto-juvenis são acionados de maneira sedutora (FELIPE, 2012). Desta maneira, o objetivo da presente pesquisa é investigar **como meninas de 12 a 18 anos enxergam a cultura da novinha**. Trata-se de um estudo de inspiração etnográfica em que são realizadas entrevistas com crianças e adolescentes do sexo feminino. Os conceitos norteadores são **pedofilização** (FELIPE, 2003), **adultização** (RIBEIRO, 2014), **feminino** (LOPES, 1997) **representação** (HALL, 2010) e **infância** (SAYÃO, 2003).

